

Estudantes de Ensino Médio: representações sociais e perspectivas para com a Escola

*High School students:
social representations and perspectives towards School*

Laeda Bezerra Machado¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar sentidos nas representações sociais e perspectivas de estudantes para com a escola de Ensino Médio. Desenvolvemos um estudo de campo com 46 estudantes matriculados em escolas de Ensino Médio situadas em Recife. Utilizamos a entrevista semiestruturada, analisada por meio da técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados sugerem que, nas representações sociais dos participantes, as escolas são de boa qualidade, principalmente pelo ensino que oferecem e pelos professores. Há restrições no que se refere à atuação da gestão e infraestrutura escolar. As representações sociais do novo Ensino Médio focalizam os aspectos exigência, sobrecarga e possíveis melhorias. No que diz respeito ao futuro, a maioria pretende ingressar na Educação Superior. Os resultados confirmam que a escola deve estar atenta às necessidades e expectativas dos estudantes, ser acolhedora e garantir aprendizagem. Sinalizam, ainda, que o poder público deve priorizar a educação da juventude com políticas inclusivas e de qualidade.

Palavras-chave: Representações Sociais. Escola de Ensino Médio. Estudantes.

Abstract: This article aims to identify the meanings of students' social representations and perspectives towards high school. We developed a field study with 46 students enrolled in high schools located in Recife. We used semi-structured interviews, analyzed using the content analysis technique. The results suggest that, in the social representations of the participants, schools are of good quality mainly due to the education they offer and the teachers. There are restrictions regarding the performance of school management and infrastructure. The social representations of the new secondary education focus on the aspects of demand, overload and possible improvements. Regarding future prospects, the majority intend to enter higher education. The results confirm that the school must be attentive to the needs and expectations of students, be welcoming and guarantee learning. They also signal that public authorities must prioritize youth education with inclusive and quality policies.

Keywords: Social Representations. High school. Students

1. Doutora em Educação, professora Associada, vinculada ao Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional e Programa de Pós-graduação em Educação - Núcleo de Formação de Professores e Prática Pedagógica da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: laeda01@gmail.com

Introdução

O presente artigo é parte de resultados de uma pesquisa mais ampla desenvolvida por Machado (2021) e tem como objetivo geral identificar as representações sociais e perspectivas de estudantes para com a escola de Ensino Médio.

Sabemos que, na história da educação brasileira, o Ensino Médio tem sido alvo de inúmeros debates tanto no que se refere a sua oferta e qualidade como em relação aos jovens que a ele têm acesso ou que dele foram excluídos. No que diz respeito a sua finalidade, Ensino Médio sempre foi objeto de discussão porque ora profissionaliza, ora assume função propedêutica. A dicotomia (profissionalizar ou dar prosseguimento aos estudos na educação superior) marca sua história. Conforme Krawczyk e Ferratti (2017), esse ensino persiste como objeto de preocupações de gestores, professores, pesquisadores e entidades educacionais, pois são desafiantes os seus altos índices de evasão e distorção escolar. O último censo escolar (2021), por exemplo, mostrou que 92,5% da população de 15 a 17 anos frequenta a escola, e a rede pública concentra 88% das matrículas no Ensino Médio. Indica, ainda, que a distorção idade/série nessa etapa da Educação Básica alcança 25,3% das matrículas, sendo mais elevada entre os estudantes do sexo masculino (Brasil, 2021).

Aos estados cabe a responsabilidade para com a oferta e manutenção do Ensino Médio. Os sistemas estaduais devem assegurar a educação para adolescentes na faixa etária dos 15 aos 17 anos. Esta última etapa da Educação Básica busca aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental e preparar os jovens para o trabalho e/ou estudos posteriores.

Em Pernambuco, o Ensino Médio tem sofrido mudanças desde 2008, em decorrência do Programa Educação Integral (PEI), regulamentado pela Lei complementar nº 125, de 10 de julho de 2008. Oferecido em escolas regulares, integrais (de referência) e técnicas, o PEI apresenta como uma das suas principais finalidades “integrar as ações desenvolvidas nas escolas de educação integral, oferecendo atividades que influenciem no processo de aprendizagem e enriquecimento cultural”. O Programa, pautado na educação interdimensional, preconiza a formação do jovem autônomo, competente, solidário e produtivo para que, ao finalizar o Ensino Médio integral tenha uma formação profissional para ingressar no mercado de trabalho (Pernambuco, 2008).

Vivemos, nos últimos vinte anos, movimentos de avanços e retrocessos nas políticas de Ensino Médio. Em contexto recente, destacamos a Lei Nº 13.415 (Brasil, 2017) - Reforma do Ensino Médio - que estabelece uma série de mudanças para essa etapa da Educação Básica, tais como: carga horária; organização curricular (introdução de iti-

nerários formativos), avaliação; formação; qualificação para o trabalho; notório saber para contratação de docentes e projeto político pedagógico das escolas.

Essa reforma foi complementada no ano seguinte com a Resolução nº 4, de 17 de dezembro de 2018 que instituiu a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC-EM, 2018). Trata-se de um documento que contempla as quatro grandes áreas do conhecimento². Cada área apresenta competências próprias que, para serem alcançadas, se desdobram em um conjunto de habilidades articuladas às aprendizagens anteriores dos alunos na escola fundamental. O grande objetivo do Ensino Médio é aprofundá-las, promovendo a formação integral dos estudantes.

A reforma do Ensino Médio tem sido alvo de debates, críticas e expectativas de revogação no contexto atual³. Autores como Frigotto (2016) e Ramos (2017) consideram que houve mais um retrocesso para a educação da classe trabalhadora, pois reforça a dualidade estrutural desse ensino e empobrece a formação dos estudantes.

Na visão de Kuenzer (2017, p. 341) a flexibilização das trajetórias curriculares, proposta pela reforma, reforça o dualismo do Ensino Médio, pois torna a institucionalizar “ [...] o acesso desigual e diferenciado ao conhecimento”.

Em análise discursiva do currículo de escolas de Ensino Médio em Caruaru, PE, Almeida, Bezerra e Lins (2023) afirmam que as estratégias de flexibilização curricular e inovação preconizadas pela reforma do Ensino Médio e BNCC estão pautadas na racionalidade neoliberal e têm como maior intencionalidade a formação de mão de obra barata e aligeirada.

Em leitura histórico-crítica do quadro geral do novo Ensino Médio na atual conjuntura, Jakmiu (2023 p.15) enfatiza, dentre outros aspectos, que o “novo Ensino Médio” representa a negação do direito à educação atacando diretamente o preceito legal do acesso à educação de base

Em síntese, podemos afirmar que, no contexto atual, vários desafios se impõem à escola de Ensino Médio. De modo geral, suas diretrizes e políticas não dialogam com as expectativas e demandas dos jovens, impactando especialmente os mais pobres que estudam em escolas públicas.

2. Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

3. O Movimento Nacional em Defesa do Ensino Médio (MNDEM), em carta publicada no final de 2022, após exaustiva explanação do quadro imposta pela reforma de 2017, indica que o Governo assumiu, em regime de urgência, a retomada da discussão sobre a etapa final da Educação Básica.

Sobre a produção do conhecimento acerca da escola de Ensino Médio, um levantamento feito no banco de teses da CAPES indicou tratar-se de uma temática estudada há mais de 30 anos, com maior concentração na primeira e segunda década dos anos 2000. Como principais enfoques da produção foi possível destacar: a relação professor-aluno, construção de saberes no Ensino Médio e o Ensino Médio Noturno.

Os trabalhos referentes à relação professor-aluno abordam a afetividade como elemento crucial à qualidade da aprendizagem. Eles reiteram a importância da afetividade na construção de uma interação harmoniosa e admitem que uma boa relação professor-aluno influencia o emocional do estudante e favorece seu desempenho escolar.

O segundo grupo destaca as dificuldades acadêmicas enfrentadas por alunos de Ensino Médio e suas consequências, como a reprovação e o fracasso escolar. Os estudos indicam alguns fatores determinantes para esse fracasso como a falta de adaptação à proposta escolar, problemas de aprendizagem dos conteúdos de linguagem, matemática dentre outros.

Os trabalhos sobre o Ensino Médio noturno, reunidos no terceiro grupo, enfatizam as dificuldades do aluno trabalhador e sua frequência à escola nesse turno. A produção sobre esta temática destaca suas insuficiências e desigualdades. Conforme os trabalhos, esse ensino tem como público principal alunos trabalhadores, que enfrentam uma difícil jornada de trabalho e chegam à escola com poucas condições físicas para investimento nos estudos. Nesse cenário, o aluno de Ensino Médio noturno é o principal prejudicado, pois sua formação é precária. Mesmo assim, ele busca, em meio as dificuldades, concluir seus estudos na tentativa de minimizar sua condição de exclusão social.

No conjunto dessa produção não identificamos estudos que enfocassem o público do Ensino Médio e suas práticas a partir da Teoria das Representações Sociais.

Esse referencial oferece aos pesquisadores possibilidades para explicar elementos simbólicos compartilhados por indivíduos e grupos. Abordamos neste texto as representações sociais de escola de Ensino Médio construídas por estudantes, indicando suas perspectivas para com a conclusão da Educação Básica.

Representações sociais são construções coletivas dos sujeitos impregnadas de elementos cognitivos, afetivos e simbólicos gerados em situação de interação social (Moscovici, 2003).

A partir do estudo sobre a psicanálise, S. Moscovici, nos anos 1960, desenvolveu a Teoria das Representações Sociais (TRS). A teoria ganhou repercussão nos anos 1980, ampliou-se e hoje são identificadas no seu interior três abordagens de estudos: a abordagem culturalista, de viés antropológico, fiel ao estudo original de Moscovici; a abor-

dagem societal, que se preocupa em investigar as condições de produção, influência dos grupos sociais na construção e circulação das representações sociais; e a abordagem estrutural, que investiga a dimensão cognitiva e estrutural de uma representação. Nesta pesquisa, adotamos a vertente original, que conceitua representações sociais como explicações que se originam no cotidiano, no curso de comunicações interindividuais, constituem uma versão contemporânea do senso comum, um saber prático elaborado e partilhado pelos sujeitos no grupo social, que orienta a sua interpretação do mundo. Criamos representações sociais na tentativa de explicar a realidade, pois somos convocados a nos posicionar, tomar parte nas conversas etc. Tratam-se de teorias do senso comum, pois não são meras opiniões sobre os objetos, eventos e situações. Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são um conhecimento prático que têm como objetivo transformar o estranho em familiar. Neste artigo exploramos as representações sociais e perspectivas de estudantes para com a escola de Ensino Médio.

Metodologia

Realizamos um estudo de campo com 46 estudantes matriculados em diferentes turmas e escolas de Ensino Médio, a saber: escola regular (ER), Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) e Escola Técnica (ETE), bem como o interesse e disponibilidade para colaborar com a investigação.

Dos participantes, seis estudavam em ER, 22 eram alunos de ETE e 18 estudavam em EREM. Eram 31 do gênero feminino e 15 do gênero masculino. Quanto à cor da pele, a maioria se declarou parda. Os estudantes possuíam idades diferenciadas, assim distribuídas: nove estavam com 15 anos; 14 com 16 anos; 13 com 17 anos, e 10 participantes tinham idade superior a 18 anos. Conforme informaram, a renda familiar varia de um a três salários mínimos, mas predominou no grupo renda familiar de três salários mínimos. A principal razão para a escolha da escola de Ensino Médio que frequentavam era a proximidade da residência.

Para desenvolver a pesquisa, utilizamos como técnicas o questionário e a entrevista semiestruturada. O questionário foi utilizado para traçar o perfil do grupo e com a entrevista buscamos captar as representações sociais dos estudantes sobre a escola de Ensino Médio. Segundo Gaskell (2014), a entrevista fornece informações sobre diferentes objetos, contextos e seus significados. Ressaltamos que, para sua realização, os estudantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)⁴ e que essas entrevistas foram gravadas, mediante a anuência dos sujeitos.

4. Salientamos que participantes menores de 18 anos tiveram os termos assinados por seus pais ou responsáveis.

O material coletado com as entrevistas foi lido, transcrito e organizado seguindo a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2007). Essa técnica permite a organização e codificação do material verbal em categorias que sintetizam esses depoimentos.

Resultados e discussão

No quadro 1, a seguir, sistematizamos os resultados das entrevistas em três categorias que sumarizam os sentidos compartilhados e perspectivas de estudantes para com a escola de Ensino Médio.

Quadro 1: Categorias decorrentes das entrevistas

Categoria 1 - A escola pública de Ensino Médio
Categoria 2 - Novo Ensino Médio
Categoria 3 - Projeto de futuro dos estudantes

Fonte: As autoras

Escola pública de Ensino Médio

A primeira categoria denominada A Escola Pública de Ensino Médio é a mais abrangente e agrega quatro eixos de sentidos a saber: condições gerais das escolas; relacionamento com os colegas; atividades realizadas; trabalho dos professores e prática gestora.

No que se refere às *condições gerais das escolas* foram abordados diversos elementos positivos e desfavoráveis. Nas falas se destacaram como favoráveis a qualidade do ensino e os bons professores. Como desfavoráveis, os participantes ressaltam: a desorganização; ausência de recursos e de professores; dificuldades de comunicação com a gestão e colegas e infraestrutura precária.

A maioria dos entrevistados (22 estudantes) reconhece que as escolas em que estudam são boas, pois oferecem bom ensino e os professores são elogiados. Ao mesmo tempo eles fazem restrições à gestão, à infraestrutura, aos relacionamentos. Os trechos apresentam referências positivas e restrições acerca das escolas:

“É uma escola boa, infelizmente, as pessoas que fazem parte da escola não ajudam tanto, a estrutura tá melhorando aos poucos” (E-20/ EREM).

“[...] acho boa, o que a maioria das pessoas reclama é a falta de logística, a falta de comunicação da coordenação com os alunos, mas... tirando isso, a alimentação também” (E-37/ ETE).

Um conjunto composto por 21 entrevistados faz somente comentários favoráveis à escola. São elogios ao ensino, à infraestrutura, funcionários, aos docentes, às mudanças ocorridas nas escolas, principalmente, a introdução de novas atividades nessas instituições. Um dos jovens afirma: “O ensino é, de fato, surpreendedor. [...] Eu acho que essa, de fato, foi a melhor escola que eu estudei. A gestão, secretaria, todo mundo é bem compreensivo aqui” (E-16/ EREM).

Posicionamentos negativos em relação à escola foram apresentados por três sujeitos. Eles se referiram a problemas relacionados ao ensino, a quantidade de professores e recursos. Disseram:

“[...] não é uma escola boa assim para quem quiser vir para aprender muito, porque acho que ela não dá o suficiente dela para o aprendizado” (E-13/ ER).

“[...] tem muitas coisas que precisam melhorar. Tanto no ensino como na questão de professor também, que faltam muitos professores” (E-15/ EREM).

Sobre qual dica dariam a um jovem interessado em estudar na sua escola, os entrevistados ofereceram dicas variadas. Do grupo, 21 estudantes apresentaram sugestões positivas sobre suas escolas, destacaram a disposição para estudar e aprender, aproveitar as oportunidades, o Ensino Técnico e atividades oferecidas pelas escolas. Disseram:

“Então, aproveita pra estudar bastante, aproveita a oportunidade que você teve de entrar no colégio técnico [...] muito concorrido hoje em dia, [...] falaria pra aproveitar, aproveitar muito” [...] (E-5/ ETE).

Um conjunto de 19 entrevistados, apesar de reconhecer que estudam em boas escolas, destacaram dificuldades como o ritmo pesado, a intensa carga horária da instituição. Eis alguns trechos de suas falas: “[...] é uma escola boa, que é bem localizada né? Só a questão do horário mesmo que é puxado.” (E-27/ EREM).

Foram os participantes matriculados em escolas técnicas os que mais se referiram à carga horária. Um deles destaca: “Se é isso mesmo que você quer, porque estudar numa escola integral, com técnico, com quase 20 matérias, não é fácil, você tem que estar com a sua saúde de mental estável, porque não é para qualquer um” (E-34/ ETE).

Os depoimentos guardam relação com o que diz Frigotto (2016) que, ao tratar sobre a reforma do Ensino Médio, ressalta a ausência de compromisso dessa política com o aluno trabalhador, ou seja, são escolas por vezes alheias à realidade da classe trabalhadora.

Sobre o que os estudantes mais apreciam em suas escolas, a grande maioria (44) destacou o ensino, as atividades, os professores, esportes, o espaço físico e as melhorias realizadas na escola. Eis alguns trechos de suas falas:

“[...] o que eu mais gosto é uma eletiva, é a eletiva da Banda da qual eu faço parte [...]” (E-4/ ETE).

“O que eu mais gosto na escola são as aulas de PVE” (E-16/ EREM).

“[...] Eu mais gosto da escola são as oficinas e o time de vôlei, de handebol, que eu faço parte, e de alguns professores [...]” (E-33/ ETE).

Dois participantes responderam que não sabiam dizer o que mais gostam em suas escolas.

Quando questionados sobre o que falta nessas instituições, os depoimentos destacaram a falta de infraestrutura, recursos materiais e humanos; qualidade da alimentação, professores, segurança, organização, escuta e empatia da gestão. Afirmaram: “[...] eu acho que falta muita coisa, uma delas é a merenda boa, uma psicóloga na escola [...]” (E-6/ ETE); “faltam pessoas na informática e na biblioteca, porque a biblioteca é um lugar muito importante e um lugar que gera mais conhecimento.” (E-10/ ER).

De modo geral, os depoimentos sugerem representações sociais favoráveis à escola, pois enfatizam a qualidade do ensino e dos professores. Aliados a esses sentidos os estudantes não negligenciam as dificuldades de infraestrutura, alimentação, equipamentos, pessoal e necessidade e quadro de professores insuficiente.

Sobre o relacionamento com colegas de escola, identificamos que 18 estudantes falam que nem sempre todos são conhecidos ou estabeleçam relações de proximidade. Eis como se posicionam sobre esse aspecto:

“[...] umas pessoas são bem legais, mas outras pessoas parece Ensino Médio dos Estados Unidos, eles meio que te afrontam, é estranho” (E-21/ EREM).

“Tem de todo tipo. Tem pessoas que são mais antipáticas, reservadas...” (E-46/ ETE).

Outro grupo, composto por 20 estudantes, refere-se aos colegas como boas pessoas. Eles falam de união e acolhimento e destacam que esse relacionamento tem sido

estimulado pelo Projeto Semear⁵, presente nessas escolas com os objetivos de: promover o acolhimento; fazer os alunos se sentirem bem e construírem relações benéficas entre si. A respeito dessas boas relações um estudante declarou: “A gente tem muita empatia, um pelo outro. Se um está sofrendo alguma coisa, alguma situação acontece, a gente vai atrás pra resolver junto, em conjunto. Essa escola tem muita união, a gente é muito unido (E-34/ ETE).

Nas entrevistas, oito estudantes referem-se aos colegas utilizando termos, tais como: bagunça, imaturidade, falta de compromisso e respeito. Segundo eles, esses comportamentos dificultam o processo de socialização, construção de um relacionamento agradável e duradouro. Afirmou um entrevistado: “[...] A galera que estuda aqui não é legal. É... bem agitado, quem estuda aqui é porque não quer compromisso, entendeu?” (E-9/ ER).

Os dados referentes ao relacionamento discente sugerem representações sociais mistas em relação aos colegas de escola. Elas são marcadas por união e proximidade, porém, entremeadas por atitudes de desrespeito, imaturidade e isolamento de grupos.

Sobre as atividades ofertadas nas escolas, eles mencionam as extracurriculares. Identificamos que, para 43 estudantes, tais atividades são comuns, e três participantes negam que elas existem. Os sujeitos destacaram que essas atividades ocorrem dentro e, principalmente, fora da sala de aula. Falaram de disciplinas eletivas, participação em oficinas e projetos, esporte e banda de música. Mesmo que as escolas ofereçam atividades, nem todos os entrevistados participam, e os motivos para a não adesão são os horários em que ocorrem e o cansaço. Entre os que participam há o consenso de que despertam interesses.

Os estudantes de escolas regulares falam apenas da oferta de disciplinas eletivas. Um deles comenta: “[...] eletiva tem, eu vou fazer porque eu vou fazer o curso de administração” (E-10/ ER). Os estudantes de ETEs e EREMs afirmam que, além de disciplinas eletivas, possuem banda de música, núcleo de gênero, oficinas, atividades esportivas e de fotografia. Um deles diz: “[...] esporte inclusive eu participei de um campeonato recentemente de basquete [...]” (E-30/ EREM).

5. O Projeto Semear, Sensibilidade e Germinar Consciência: Protagonismo, práticas e Vivências da Secretaria de Educação de Pernambuco foi criado em 2017 e busca aprimorar o protagonismo dos estudantes nas escolas por meio da discussão de temas relevantes, usando a Filosofia da Educação Interdimensional como base para implementar a Política Pública de Educação Integral e Profissional do Estado de Pernambuco, nas escolas ETE e EREM. Esse projeto acontece anualmente, de acordo com uma temática relevante para os estudantes, a fim de promover seu protagonismo, incentiva os jovens a assumirem responsabilidades em relação à melhoria de seus ambientes sociais e educacionais. Tem papel importante na formação do jovem autônomo, solidário, competente e produtivamente inserido no seu meio social através de diálogos, atividades e oficinas.

Os estudantes de EREM e ETE mencionaram outras atividades como esporte, música, curso de LIBRAS, e o Projeto Semear. Como já indicamos, o Projeto Semear é visto por todos os alunos como uma iniciativa que favorece a comunicação e o relacionamento entre eles. Sobre esse projeto disse um dos estudantes: “[...] é muito bom porque a gente pode se abrir, as pessoas dar conselho, falar” (E-24/ EREM).

No conjunto das respostas identificamos maiores referências a atividades esportivas, lembradas por 19 estudantes. Eles destacaram desde o ensino de educação física, até participação em esportes como vôlei, basquete, *handebol*, *futsal*.

Outra atividade destacada por 12 participantes, que estudam em EREM’s e ETE’s, foi Projeto. Eles citaram o projeto semear, protagonismo, intervalo bíblico⁶, projeto Sabadão⁷. Afirmam: “[...] a gente foi lá para o Museu do Cais do Sertão [...] O nosso professor de Geografia sempre tenta levar a gente no Espaço Ciência e alguns passeios para analisar a situação da comunidade. (E-20/ EREM); “[...] aqui na escola eu participo do intervalo bíblico e participo do Café Filosófico, nesse, a gente escolhe um tema de um livro e debate” (E-32/ ETE).

Os comentários dos alunos acerca das atividades vivenciadas nas escolas reiteraram as diferenças entre elas. A esse respeito lembramos as preocupações sinalizadas por Martins e Santos (2021) ao analisarem as políticas referentes ao novo Ensino Médio. Os autores destacam a falta de recursos e estrutura adequados para implementar as mudanças propostas. Nos depoimentos ficou evidente a precarização das escolas regulares no que se refere à infraestrutura, quadro docente e atividades disponibilizadas para os estudantes.

Conforme as falas, as atividades esportivas são as mais comuns nas escolas. Os projetos pedagógicos foram mencionados somente por estudantes de escolas de referência e técnicas. As disciplinas eletivas oferecidas nas escolas são mencionadas por um grupo menor de estudantes.

Podemos depreender que, nas representações da maioria dos jovens, as atividades oferecidas pelas escolas de Ensino Médio são variadas, contribuem para ampliar os conhecimentos e favorecem a convivência nas escolas. São em geral atividades que ocorrem fora da sala de aula e propiciam outros aprendizados.

6. Intervalo Bíblico é uma atividade desenvolvida na escola durante o intervalo das aulas, mas não é organizado pela escola e sim por iniciativa dos próprios estudantes, trata-se de um momento de reunião para devoção, leitura da bíblia e louvores, sendo ecumênico, realizado um dia por semana.

7. Refere-se às aulas de preparação para o vestibular que ocorrem no final de semana.

Quando perguntamos aos estudantes sobre os seus professores, identificamos quase uma unanimidade em relação às suas qualidades e algumas poucas indicações contrárias a esse posicionamento. Os entrevistados falam dos métodos utilizados, preocupação em esclarecer dúvidas, qualificação e recursos utilizados pelos docentes.

A maioria dos pesquisados, ou seja, 23 estudantes se declararam favoráveis aos professores. No entanto, eles fazem restrições e ressaltam peculiaridades de cada docente. Reconhecem que há professores que tiram as dúvidas e são mais dinâmicos em suas aulas. Afirmam que a qualificação de alguns também tem peso no desenvolvimento do seu trabalho. Em seus depoimentos relatam:

“[...] Alguns professores têm aquele modo meio padrão, meio robótico de ensinar, já outros têm uma forma mais dinâmica que dá para entender melhor” (E-17/ EREM).

“[...] são bons professores. Infelizmente, a nossa escola não tem aquela estrutura, é uma escola um pouco esquecida, mas eles fazem o máximo que podem aqui” (E-20/ EREM).

“[...] os professores explicam muito bem, tem um ou outro que não sabe explicar direito, aí eu tenho que ir ver vídeoaula no *YouTube*, e eu queria que melhorassem mais esse ensino de alguns professores” (E-26/ EREM).

Um grupo, composto por 18 participantes, fez apenas elogios aos docentes e destacaram aspectos como ensino, recursos utilizados para provocar o interesse dos alunos, comunicação e respeito. Eis o que disseram:

“Gente boa, ensina direito, pega no pé da gente. E tá sempre em cima da gente, para a gente poder terminar nossos estudos” (E-12/ ER).

“Eles tentam como eu posso dizer? ensinar de uma maneira que a gente aprenda, como se fossem amigos” (E-30/ EREM).

Identificamos nos depoimentos de dois estudantes que o ensino é fraco e o professor não é comprometido com o ensinar. Afirmam: “[...] podia melhorar mais, acho um pouco fraco, a gente queria aprender coisas novas no Ensino Médio que não tem. (E-13/ ER); “[...] alguns professores, eu acho que não deveriam estar dando aula aqui nesse colégio” (E-34/ ETE).

Houve ainda depoimentos sobre a diferença entre o ensino de professores da formação geral e da formação técnica no Ensino Médio. Dentre os entrevistados, três estudantes apontam dificuldades de alguns professores de ambas as áreas. Falaram: “[...] tem muitos professores aqui que são excelentes, mas tem muitos professores

que não ensinam quase nada” (E-5/ ETEM); “[...] tem uns que eu valorizo, das matérias técnicas, eles têm uma forma de ensinar bastante interessante e funciona, mas tem outros professores de matemática, português, que chega dá agonia” (E-37/ ETE).

Sobre as representações sociais acerca do professor, o que detectamos foi que a maioria dos entrevistados representa seus professores como bons e fazem elogios à qualidade do ensino oferecida, comunicação, ao respeito aos alunos e recursos metodológicos que utilizam. Mas, outros elementos circulam essas representações como o uso do tempo curricular, fragilidade do trabalho de alguns docentes de variadas áreas.

Referente à gestão escolar, alguns estudantes declaram que não possuem aproximação como essa equipe. Dois deles pontuam que os alunos que têm proximidade com a equipe gestora das escolas são os protagonistas. Eles disseram: “Eu não tenho muito não, mas, tipo, tem uns representantes de turma que têm essa ligação maior com o diretor e o coordenador da escola” (E-1/EET); “[...]só os protagonistas são mais próximos, mas eu gosto, acho ela uma boa diretora que está trazendo boas melhorias” (E-20/EREM). Ressaltamos que os representantes estudantis, denominados de protagonistas, têm nas escolas esse papel de fazer a intermediação dos demais estudantes com a gestão.

Um grupo, composto por 17 estudantes, afirma ter proximidade com a gestão escolar, mas menciona algumas dificuldades dessa equipe para entender e se comunicar com o corpo discente. Eis algumas falas:

“[...] eu acho que eles me entendem, mas pra eles só falta entender o resto da escola também, da mesma forma que eles me escutam” (E-5/ ETE).

“Eu gosto, não vivo muito falando, é mais numa necessidade. Tipo, ela dá absorvente, ela chama, eu vou lá, aí quando é pra carteira de estudante, pegar algum documento escolar” (E-11/ ER).

Conforme os entrevistados, a gestão pode valorizar mais seus interesses, reivindicações e dificuldades, além de tentar aproximar-se mais e não ficar distanciada dos estudantes.

Identificamos que 23 estudantes interagem com a gestão escolar. Ao contrário dos outros, eles enxergam melhorias nas escolas e elogiam os gestores, principalmente, pelo apoio que recebem desses profissionais e suas preocupações com o bem-estar de todos nas escolas.

Os depoimentos reunidos acerca da prática gestora sugerem representações sociais mistas, ou seja, um grupo é mais negativo e distanciado dessa equipe, o outro é mais próximo e reconhece suas dificuldades em lidar com os discentes nas escolas; e um terceiro grupo, composto pela metade dos entrevistados, revela-se alinhado às práticas gestoras que são vistas como comprometidas com as escolas e seus estudantes.

Novo Ensino Médio

Nos depoimentos há uma variedade de referências ao novo Ensino Médio. Essas variações estão relacionadas ao tipo de escola que frequentam, vivências anteriores nessas escolas, ou ao recém-ingresso nessa última etapa da Educação Básica.

No conjunto dos depoimentos relacionados ao novo Ensino Médio identificamos maiores exigências e sobrecarga de atividades; melhoria da qualidade do ensino; modificações decorrentes da pandemia e ausência de modificações.

Para a maior parte os entrevistados o novo Ensino Médio implicou em maiores exigências e sobrecarga de atividades. Ao se referirem a essas demandas destacam, principalmente, que o ensino tornou-se mais exigente e cansativo. Afirmam:

“[...] eu achei mais rígido, achei mais rígido que antes” (E-21/ EREM).

“Consome muito a gente, a gente querendo ou não aprende mais” (E-30/ EREM).

“[...] mudou a minha rotina, bem puxada, e mudou também a minha forma de viver” (E-42/ ETE).

Notamos que as referências às cobranças decorrentes do novo Ensino Médio partiram dos estudantes matriculados nas diferentes instituições pesquisadas. No entanto, estudantes das EREMs e ETEs foram mais enfáticos ao se referirem a essas exigências. Eles falam, sobretudo, da carga horária estendida, indicam que gostam do ensino, mas não negam que é “puxado” e que as cobranças são exaustivas e lhes afetam em termos físicos e psicológicos.

Na visão de Martins e Santos (2021), as mudanças propostas para o novo Ensino Médio trazem consequências tanto positivas quanto negativas para a formação dos jovens. Dentre as consequências negativas mencionam a saúde e bem-estar dos alunos, além da falta de clareza sobre a formação dos professores que atuarão no novo modelo de ensino.

Em segundo lugar, alguns estudantes falam da melhoria da qualidade do Ensino Médio com a nova regulamentação. Eles consideram que foi uma mudança positi-

va, que favorece a aprendizagem. Referem-se à introdução de novas disciplinas, uso do livro didático e biblioteca como essas melhorias. Eis algumas falas: “O ensino vem evoluindo cada vez mais, tanto na parte técnica quanto na parte das matérias básicas também” (E-33/ ETE); “[...] é uma coisa diferente, tendo agora um negócio de empreendedorismo, eu tô aprendendo muita coisa” (E-9/ ER).

Em menor número, alguns dos entrevistados desconhecem as mudanças que ocorreram ou estão para ser implantadas no Ensino Médio. Um deles disse: “[...] nem sabia como era antes, então acho que não mudou nada” (E-37/ ETE).

Dois participantes relacionaram o Ensino Médio ao Ensino Remoto no contexto da pandemia, principalmente, ao ensino exclusivamente presencial que, comparado ao remoto, é diferente e requer maior empenho por parte dos estudantes. Sobre esse ensino, um participante afirmou: “Mudou por conta da pandemia. Ano passado ficou aquele híbrido, a gente vinha ou não vinha pra escola, então mudou muito do ano passado pra esse ano” (E-41/ ETE).

Os resultados do material organizado nesta segunda categoria sugerem, por parte dos estudantes, representações sociais do novo Ensino Médio ainda em construção. No entanto, prevalecem no grupo indícios de um ensino mais rígido, com a introdução de novos componentes curriculares e extensão do tempo curricular, aspectos que grande parte dos entrevistados reconhece que contribui para a sua qualidade.

Projeto de futuro dos estudantes

Quando perguntados sobre suas perspectivas de futuro, dois estudantes não conseguiram indicar essas perspectivas; 22 entrevistados destacaram o estudo e a educação como os caminhos para alcançar um bom futuro que, para eles, está materializado em bom emprego, renda, “ser alguém na vida”, e ter sucesso. Eis alguns dos depoimentos desse grupo:

“[...] educação é a única coisa, pra muita gente é a saída, porque dependendo do lugar de onde você veio, pra você conseguir ser alguém na vida, você tem que estudar (E-4/ ETE)”.

“[...] a gente se formar, para lá na frente a gente conseguir ter nossos objetivos, trabalho, nossos sonhos.” (E-12/ ER).

Nas falas dos estudantes o estudo é o principal caminho para a concretização dos objetivos, realizar os sonhos, ser bem-sucedido e prosseguirem em níveis mais elevados de formação acadêmica.

Dentre os participantes, 15 estudantes fazem referência ao estímulo dado pelas instituições e a importância da formação técnica para suas projeções de futuro. Alguns deles consideram a necessidade de melhorias do ensino, oferta de disciplinas e orientações sexual, política, financeira e profissional como elementos que podem acrescentar à formação, à vida cotidiana. São orientações que vão colaborar para pensarem o futuro. Alguns dizem:

“[...] uma coisa que eu não tive na escola foi a educação sexual, educação financeira é uma coisa que não tem, muito jovem de hoje vai se perder no futuro por que não existe essa orientação” (E-8/ ER).

“[...] sobre o que a gente vai fazer na faculdade, acho que isso ajuda muito a gente pensar “o que eu quero para o meu futuro? Qual é a faculdade que eu quero fazer?” (E-24/ EREM).

Do conjunto dos participantes sete destacaram o papel do estudo e das escolhas que fazem hoje como muito importantes para o futuro. Um dos jovens menciona o período da pandemia e suas consequências negativas para o futuro. Afirmou: “Eu acho [...] que a gente vai ter um futuro muito ruim pela frente [...] aqui a gente teve dois anos sem estudar, todo mundo passou sem saber nada [...]” (E-13/ ER).

Outros depoimentos desse grupo de estudantes enfatizam as escolhas e esforço pessoal para o futuro:

“[...] a maioria dos alunos que estão aqui, [...] não querem fazer nada, veem a vida como fácil [...] E sempre vai ter gente assim. Mas, aqueles que se empenham, se esforçam muito pra conseguir o que querem, vão muito longe” (E-17/ EREM).

“Eu acho que é de extrema importância [...] o que a gente decide hoje, que vai decidir o nosso amanhã, né? Então acho que a gente tem que pensar bem hoje, porque se a gente fizer uma escolha errada hoje, a gente vai se prejudicar mais na frente” (E-41/ ETE).

Quando perguntados sobre o futuro e suas expectativas, após a conclusão do Ensino Médio, identificamos que dos 46 entrevistados, 38 pretendem dar continuidade aos estudos na Educação Superior. Os cursos mais indicados por esse grupo foram os seguintes: medicina, nutrição, psicologia, música, direito, administração, enfermagem e design gráfico. Eis alguns dos depoimentos sobre esses cursos:

“[...] eu quero ter um emprego, não quero ser desempregada e eu quero fazer uma faculdade de medicina ou de nutrição, [...] eu espero tá com minha casinha, espero tá com meus objetivos” (E-2, ETE).

“[...] se a psicologia não der certo, eu pretendo fazer artes ou jornalismo quero estar formada com um futuro bom, uma condição boa, tanto para ajudar a mim mesma quanto a minha família” (E-23/EREM).

Identificamos que três estudantes têm intenção em seguir a carreira policial ou militar, mas segundo afirmaram, não dando certo já possuem outros planos. Um deles disse: “[...] penso em servir o Exército, seguir carreira militar, e se eu não conseguir, eu vou ser... é comerciante, ter minha empresa, daqui pra lá Deus vai trilhando o caminho” (E-8/ ER).

Outros três entrevistados, quando tratam sobre seus projetos de futuro, pensam apenas em ter emprego e moradia própria. Afirmaram: “[...] quero estar na minha casa própria, no meu trabalho e cuidar da minha vida, seguir na vida, trabalhar” (E-12/ER); “[...] em nome de Jesus, quero estar na minha casa, em estabilidade financeira e, se Deus quiser, casada”.

Em consonância com os depoimentos dos últimos entrevistados, Dib e Castro (2010) reiteram que o trabalho continua sendo fundamental nos projetos de vida de jovens. Esse grupo deseja ter independência financeira, realizar sonhos e objetivos pessoais e contribuir com a sociedade. No entanto, são perspectivas complexas quando se considera os desafios sociais a serem enfrentados para corresponder às suas expectativas e necessidades.

Quando questionados sobre se o que aprendem na escola contribui para o futuro, os estudantes responderam positivamente. Segundo eles, o conhecimento adquirido na escola favorece o acesso ao emprego, a convivência, o respeito e desenvolvimento pessoal. Parte dos entrevistados, 16 estudantes, declarou que o conhecimento adquirido na escola será de muito valor para as suas vidas. Eles ressaltam o apoio dos professores, as orientações que oferecem sobre cursos e estágios e realização de exames vestibulares.

Algumas falas, entretanto, mencionam a ausência ou insuficiência dos conteúdos abordados nas escolas. Por exemplo, artes e português, conhecimentos técnicos são mais enfatizados do que os da base comum. Eis alguns dos relatos: “[...] eu já falei com muitos professores, já recebi muitas dicas de faculdades, de lugares pra tentar cursar estágio, recebo maior apoio aqui pra fazer o curso que eu quero” (E-3/ ETE); “coisas básicas, eu sinto muita falta do que é da área que eu quero seguir, que é artes, mais aulas também de português e essas coisas” (E-15/ EREM).

Outro grupo, constituído por 14 estudantes, destaca que os conhecimentos técnicos adquiridos contribuirão para o futuro no que se refere a emprego. Segundo eles,

poderão ter mais de uma opção de emprego ou renda extra. Falam: “[...]eu acredito que a área de TI, hoje eu aprendendo ela, amanhã no mercado de trabalho vai ser muito eficiente para mim, porque eu posso empreender, tenho um domínio já nessa área de TI, eu me identifico mais e posso começar a trabalhar” (E-32/ ETE); “[...]empreendedorismo, essas matérias mais relacionada a coisa que a pessoa entende ao direito, porque a minha profissão que eu quero fazer é de se desembargadora [...]”. (E-12/ ER).

Na mesma direção, Dib e Castro (2010) ressaltam o papel da escola de Ensino Médio como um espaço voltado aos jovens, para que eles desenvolvam suas habilidades e competências necessárias onde possam ingressar no mercado de trabalho e se manterem empregados. Para esses autores, a educação deve ir além do ensino de conteúdos técnicos e teóricos e enfatizar a preparação para a vida em sociedade e o desenvolvimento de projetos de vida pessoal e profissional.

Um grupo composto por sete jovens indica como contribuições da escola e das aprendizagens para o futuro, a convivência e o respeito. Esses alunos consideram que, ao estudarem com pessoas diferentes, aprendem a conviver com a diversidade e isso fortalece a formação. Eis um trecho de um dos depoimentos: “O respeito, aqui na escola convivemos com pessoas totalmente diferentes da gente e devemos respeitar e isso vai acontecer na nossa vida no trabalho, na faculdade e aprendemos isso aqui para levar para o nosso futuro” (E-24/ EREM).

Outros seis dos entrevistados confirmam que levarão o que estão aprendendo para a vida, o desenvolvimento pessoal futuro, pois não apenas conteúdos são ensinados. Eis o que dizem: “[...] você não aprende só matéria, você aprende sobre a vida, você convive com pessoas diferentes de você e você se permite conhecer aquela pessoa” (E-2/ ETE); “[...] os professores dão conselhos eles usam esse tempo que eles têm para ensinar coisas que a gente precisa saber para o nosso futuro” (E-30/ EREM).

A respeito das perspectivas dos entrevistados, Dayrell e Carrano (2014) destacam a necessidade de uma maior produção de conhecimento sobre a juventude brasileira. Segundo os autores, é preciso no contexto brasileiro, analisar as mudanças ocorridas na escola e na sociedade ao longo do tempo e suas implicações no perfil dos alunos que frequentam o Ensino Médio. Essas investigações devem estar interligadas a diversos percursos e relações não apenas na perspectiva de estudos e aprendizagens, mas ao futuro que buscam.

Por fim, dois participantes revelaram maior pessimismo para com suas aprendizagens nas escolas, referem-se, principalmente, à falta de professores e suas implicações. Afirmou um deles: “[...] nessa escola aqui eu acho que é muito difícil de aprender, por conta que a gente quando vem espera os professores e não tem...” (E-13/ ER).

Do material que organizamos nesta categoria podemos depreender que as representações sociais de futuro dos estudantes são marcadas pelo alcance do sucesso pessoal e profissional. Aspectos como renda, estabilidade financeira e ingresso na educação superior ganharam destaque nas representações dos entrevistados. Ao se manifestarem acerca de suas perspectivas de futuro mencionaram o incentivo dos professores, das instituições, principalmente as que oferecem formação técnica, além do esforço pessoal para acessarem um futuro promissor. A escola e o que nela aprendem são fundamentais para as suas vidas no futuro. Ganharam relevância nas representações sociais de escola as aprendizagens da convivência e respeito entre as pessoas; o apoio dos docentes, desenvolvimento pessoal; o acesso a atividades esportivas; opções de estágio e possibilidades de emprego.

Considerações finais

Conforme anunciamos, o objetivo principal deste artigo foi o de identificar as representações sociais e perspectivas de estudantes para com a escola de Ensino Médio. Representações sociais, conforme Moscovici(2003), são saberes específicos, modos particulares de se compreender uma realidade cultural, comunicar-se e dar sentido à experiência cotidiana.

Os achados revelam, por parte dos estudantes entrevistados, representações sociais predominantemente favoráveis à escola de Ensino Médio. Em suas falas foram enfatizados o trabalho dos professores, a qualidade do ensino, a importância das atividades extracurriculares e infraestrutura dessas instituições para a sua formação.

Os entrevistados demonstram interesse em usufruir das oportunidades oferecidas pelas escolas, mas nem sempre conseguem fazê-lo devido à sobrecarga dos cursos que frequentam e situação socioeconômica. Constatamos que os alunos de escolas técnicas reclamam a impossibilidade de participar dessas atividades justificando que precisam investir nos estudos, em contrapartida os que frequentam escolas regulares, em geral alunos trabalhadores, devido às atividades que exercem não dispõem de tempo para o envolvimento com essas atividades.

Alguns dos entrevistados reconhecem a importância de se relacionar bem com os colegas e da boa comunicação com a equipe gestora, no entanto por vezes vivenciam dificuldades nesses relacionamentos.

Mesmo que ressaltem necessidade de conciliar o estudo com o trabalho e o desejo de equilibrar essas responsabilidades, ficou evidenciado para o grupo pesquisado o valor atribuído à conclusão do Ensino Médio como parte de seus projetos de futuro.

Outras perspectivas, notadamente, o desejo de ingressar na Educação Superior integra o projeto de vida dos estudantes. No entanto, foram reveladas incertezas para com o futuro, principalmente os mais pobres têm dúvidas em relação à sobrevivência.

Os resultados da pesquisa sumarizados neste artigo sinalizam para que a escola esteja mais atenta às necessidades e expectativas dos estudantes, a fim de criar um ambiente mais acolhedor, de aprendizagem e inclusivo para todos os alunos. Indicamos a necessidade de criação de políticas capazes de universalizar uma formação que propicie o desenvolvimento integral de todos os jovens. Para isto, é necessário que o poder público priorize as demandas da juventude, não apenas no âmbito teórico, mas em termos práticos, ou seja, que abra espaço para dar voz e oportunidades a essa população. Nesse contexto, o debate em torno da reforma do Ensino Médio é pertinente, uma vez que tal reforma segue na contramão dos preceitos da formação básica, integral e comum para a juventude.

Referências

ALAMEIDA, L. A.A de; BEZERRA, A.A; LINS, C.P.A. Políticas curriculares no novo Ensino Médio de Pernambuco: sentidos constituídos em disciplinas eletivas. **Revista Espaço Pedagógico**. [s.l], v. 30. e14352, 2023. DOI 105335/rep. v30i0.14352. Disponível em: <http://see.ufpb.br/index.php/rep/article/view/14352>. Acesso em: 22 jul. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins, 2007.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar 2021**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados> Acesso em: 17 dez. 2022.

BRASIL. **Lei 13.415/2017**. Brasília, 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 20 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base: Ensino Médio. Brasília, DF, 2018.

DAYRELL, J; CARRANO, P. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; C Paulo; MAIA, C. L (Orgs.). **Juventude e Ensino Médio**: Diálogos, sujeitos e currículos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DIB, S. K.; CASTRO, L. R. de. O trabalho é projeto de vida para os jovens?. **Cadernos de psicologia social do trabalho**, 13(1), 01-15, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v13i1p01-15>.

FRIGOTTO, G. Reforma do Ensino Médio do (des) governo de Temer: decreta-se uma escola para os ricos e outra para os pobres. **Boletim da Anped**, 22 de set. 2016. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/reforma-de-ensino-medio-do-des-governo-de-turno-decreta-se-uma-escola-para-os-ricos-e-outra>. Acesso em: 02 jan. 2023.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 64-89.

JAKIMIU, V, C de L. Retrocessos no “novo Ensino Médio”: uma década de lutas e resistências (2013-2023). **Revista Estudos Teóricos y Epistemológicos em Política Educativa**. [s.l.] v.8, p.1-23, 2023. DOI 105212/retepe.v. 821155.008. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/retepe/article/view/21155>. Acesso em 24 jul. 2023.

JODELET, D. Representação sociais em um domínio em expansão. As Representações Sociais no campo da educação. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

KRAWCZYK, N.; FERRETTI C. J. Flexibilizar para quê? Meias verdades da “reforma”. **Revista retratos da escola**, Brasília, v.11, n.20, p. 33-44, jan./jun. 2017.

KUENZER, A. Z. Trabalho e escola: a flexibilização do Ensino Médio no contexto do regime de acumulação flexível. **Educação e sociedade**. Campinas, v. 38, n. 139, p. 331-354. abr/jun. 2017.

LEÃO, G. O que os jovens podem esperar da reforma do Ensino Médio brasileiro? **Educação em Revista**. Belo Horizonte, nº 34. 2018.

MACHADO, L. B. **Escola pública e seus professores nas representações sociais de estudantes universitários**. Processo CNPq na 304759/2017-1 (relatório final), 2021 (texto digitalizado).

MARTINS, S. A; SANTOS, F. S. Novo Ensino Médio: consequências e perspectivas para a formação dos jovens. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-27, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.x5786>.

PERNAMBUCO. **Lei complementar nº 125, de 10 de julho de 2008**. Diário Oficial do Estado de Pernambuco – Poder Executivo, Pernambuco, PE, 11 jul. 2008. p.3. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=5148&tipo=TEXTOTUALIZADO>. Acesso em: 17 dez. 2022.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis, Vozes, 2003.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco. **EREM Ginásio Pernambuco sedia o Projeto Semear**. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=37&art=3420>. Acesso em: 04 fev. de 2023.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e esporte. **Projeto de vida - guia do educador**. 2022. Disponível em: <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/15428/2-21-pernambuco-Prof-ano-1-apresenta.pdf>.

RAMOS, M. Entrevista: MÉDIOTEC: nova cara do PRONATEC para acelerar Reforma do Ensino Médio. **Polí: saúde, educação, trabalho**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 50, p. 6-7, mar./abr. 2017.

*Recebido em: 6 de dezembro de 2023
Aprovado em: 12 de dezembro de 2023*